

PALCOS E CIRCOS

"A escola de maridos"

II

Que seria das nossas companhias profissionais se não existissem os amadores? No atual espetáculo do "Teatro de Arena", José Renato promove ao profissionalismo mais uma promissora leva de jovens interpretes. Começemos pelos menos conhecidos: Salomão Guiz não desmente a impressão causada por "Romeu e Julieta": como ator, é essa coisa extremamente rara: um galã genuíno. Quer dizer que alia à habilidade de representar uma certa graciosidade viril, um certo ar de adolescência, um certo dom de simpatia, que lhe permitem interpretar, sem ridículo, os papéis mais ingratos e difíceis do teatro, aqueles cuja única função é fazer e receber com plausibilidade declarações de amor.

Ao lado dele, também estreando na vida profissional, Gianfrancesco Guarnieri não só confirma, mas reforça consideravelmente, todas as esperanças despertadas pela sua breve carreira amadora. Basta transpor o palco para que monopolize a atenção dos espectadores, chegando mesmo a desequilibrar dramaticamente uma ou outra cena, em que sua presença, como criado, deveria passar mais ou menos despercebida; por alguns momentos, o seu olhar autoritário, levemente enigmático, a maneira trágica e ameaçadora com que maneja o cajado, assumem maior importância do que as palavras do próprio texto, desviando o interesse do principal para o acessório. O defeito, contudo, não é seu: não é impunemente que se põe um ator de primeira num papel de segunda categoria (as consequências são, às vezes, tão graves, como no caso contrário).

Que estes nossos elogios não induzam, entretanto, a erro: nem Salomão Cruz, nem Gianfrancesco Guarnieri, podem se considerar interpretes feitos, maduros. Ao contrário, estão começando. Mas a crítica tem a obrigação de tentar adivinhar, no estreante de hoje, o ator de amanhã. Quanto a Luiz Eugênio Barcelos, o seu desempenho foi evidentemente o mais sacrificado pela linha da direção, dificultando qualquer juízo menos apressado sobre as suas exatas

possibilidades no teatro profissional.

Um segundo grupo de interpretes seria formado por três atrizes, nenhuma delas desconhecida, mas igualmente nenhuma já incorporada de forma definitiva e continua ao profissionalismo. Wanda Primo e Floramy Pinheiro, na verdade, pouco têm a fazer, valendo-se a segunda, para imprimir algum colorido à mediocridade do papel, da sua risada aguda e cristalina. Riva Nimitz reaparece no mesmo pé em que a havíamos visto pela última vez. Falta à sua personagem, para convencer inteiramente, uma nota mais pessoal, mais autêntica, mais humana. Representa bem, porém, um pouco como se fosse uma lição aprendida e sabida de cór.

Deixamos para o fim Waldemar Wey, o protagonista, o estelo sobre o qual repousam três quartos do espetáculo. Dentro do que desejou o encenador, é um Sganarello ideal, bufo, chegando quase ao grotesco, em muito melhor forma do que em seus últimos desempenhos no T.B.C. Parece que a mudança de companhia e a presença de tantos jovens atores deram-lhe outro animo, outra alegria de representar, com aquela exuberância mímica, aquele calor, aquele senso da caricatura que lhe são peculiares.

Julga-se o trabalho de um diretor, em grande parte, pela escolha dos atores e distribuição de papéis. Deste ponto de vista, José Renato acertou em cheio, refazendo, em poucos dias, todo um novo elenco, talvez menos experiente mas não menos talentoso do que os que já passaram pelo Teatro de Arena. Feliz, da mesma forma, o lançamento de Willys de Castro como figurinista, tentando e conseguindo, o mais das vezes, um belo acordo entre o gosto precioso da época de Molière e uma certa severidade de linhas e austeridade modernas.

O ponto mais alto do espetáculo, contudo, como seria de esperar, é a prazerosa tradução de Artur Azevedo, só para revivê-la ainda uma vez justificaria todo o esforço do Teatro de Arena. É tão espontânea, tão flexível, tão espiritualmente simples, que nos dá constantemente a ilusão de estar ouvindo uma velha peça portuguesa, na tradição de um Gil Vicente, de quem possui a mesma graça e o mesmo sabor popular. Artur Azevedo, talvez devido ao pai português, jogava com o vocabulário e a sintaxe com uma correção, uma desenvoltura, uma facilidade, que os escritores brasileiros não costumam ter; mas em vez de se orientar para a gramatiquice erudita, jamais perdia contacto com a naturalidade da língua de todos os dias, servindo-se constantemente de pitorescas e expressivas locuções familiares.

Fala-se muito, hoje em dia, em teatro popular. Mas como conseguir um repertório que seja acessível sem sacrificar a qualidade literária? Peças como "A Escola de Maridos" parecem-nos trazer a única resposta satisfatória à questão. Enquanto houver casamentos, enquanto houver homens e mulheres, enquanto houver jovens e velhos, a comédia de Molière não perderá a sua atualidade. Não há classe social a que os problemas de Sganarello e Isabel, de Aristo e Leonor, sejam desconhecidos ou indiferentes. Além disso, Molière diz tudo o que tem a dizer de forma clara e direta, sem preciosismos de pensamento ou de linguagem.

Se a Prefeitura de São Paulo está interessada em fazer alguma coisa pelo teatro popular (teoricamente deveria sempre estar), não há melhor oportunidade do que esta: é só chamar a si "A Escola de Maridos" e transportá-la, tal e qual, aos domingos pela manhã, para os recintos das fábricas e patios dos colégios. Seria um prêmio ao Teatro de Arena, que bem o merece, e a mais preciosa contribuição à causa da democratização da cultura teatral.